

O NORTE

PROPRIEDADE DE—HONORATO JOSÉ DE SOUZA



ANNO XII

PIAUHI—THERESINA, 27 DE SETEMBRO DE 1940.

NUM. 465

O NORTE

O NORTE é de publicação semanal.

Assignaturas:

Para a capital (por mez) \$500

Para o interior (trimestre) 2\$000

Typ.—Praça Saraiva—Theresina

SOLUÇÃO FINAL

Calaram-se os últimos rúmoreos da symphonia civilista, não com o fecho duro de um piano que dá, secas, as notas finas, mas com o gemido doce dos violinos que suspiram e as vibrações graves da trompa que embebeçam. Agharam-se emoções, dissiparam-se paixões, trabalhou-se para que as vontades surgissem. Tudo que a intelligencia amparada á argucia poderia fazer em prol de uma causa, fel-o quanto podia fazer a grey que acompanhou o Sr. Ruy Barbosa, fel-o o commandante das hostes, o illustre senador bahiano, não se poupando ao trabalho, comprometendo as suas forças, desdobrando todos os seus recursos de intellectual emérito. E, comtudo, apesar de tamanha lucta, tão grande esforço, a campanha que cheffou morre como um final de symphonia em que a orchestra, cansada pede ás cordas e ao metal um *ensemble* que não desanime, mas onde não mais ha as esperanças a cantarem na protophonia. Nem a viola plangente do symphatico Sr. João Mangabeira, nem a requinta agudissima do Sr. Irineu Machado, nem o piston vibrante do Sr. Barbosa Lima, nem o oboe endefluxado do Sr. Galeão Carvalho, nem a arvario chinezia das palavras do Sr. Eduardo Socrates, ao fechar do *partito* conservaram o vigor de harmonia com que atascaram a opera nos seus primeiros compassos. Cantores e orchestra foram presa de fadiga e só, para não faltar ao compromisso com o empresario, levaram a partitura até o fim, certos de que ninguem os chamaria á scena, depois que o panno lhes caisse sobre o ultimo acto.

Um prodigioso homem de trabalho o Sr. Ruy Barbosa, um operario intellectual de primeira ordem na officina do seu gabinete, entrou livros, papel e tinta. Ah! S. Ex. tem

MEA CULPA.

Não é tua alma o lyrio emmaculado,
Que a luz de uns olhos puros se levanta,
Pois não fulgura em teu olhar a santa
Chamma, que brilha isenta do peccado.

Se o teu seio palpita apaixonado,
Se a voz do amor nos teus suspiros canta,
Não me illuda o queixume, que á garganta
Quebra para me ver mais desgraçado.

Eu bem sei quem tú és... Mas que loucura
Arrasta-me a teus pés como um captivo!
Mostra-me o inferno a aberta sepultura:

E abraçado contigo, oh peccadora!
Eu desço-o tão feliz como se fóra
Um justo ao claro céu subindo vivo.

Guimarães Passos.

o seu throno, o solio onde pôde campear victorioso, a mirar-se nas paginas que leu e citou, a rever-se nas linhas que enamoradamente escreveu, a espelhar nas longas tiras de papel que lhe guardam, em letras negras na brancura immaculada, quando á sua feliz intelligencia conseguiu coordenar e dispor. Fosse o mundo um theatro em que os homens pudessem triumphar a golpes de phrases, e o erudito candidato de agosto seria o primeiro dos triumphadores, tamanha a riqueza que possui de palavras, de citações a que estas se arrimam. Porém, o mundo não é nem será de quem pensa ou fala bem, mas dos que sabem agir, desdobrar a sua actividade, ir alem do gabinete que é o individuo só, até a praça publica que é a multidão toda, o povo a quem mais vale um gesto de acção valente, que quantos discursos tecidos com as regras primorosas da theorica mais pinturesca, com tropes a esfusarem como as bagas de luz de um foguete que derrama as suas lagrimas num céu escuro, com metaphoras a darem a illusão de uma aurora boreal do pensamento, a ondular na sua cortina de luz, sobre o gelo pesado das baixas cogitações da terra; com, emfim todos os recursos que a palavra humana pôde possuir nas horas das grandes luctas, que ella, o verbo que a vaidade julga ser superior a tudo, se persuade, se convince de que lhe cac inteiro o poderio sobre este globo que ha' se en-

los o homem monopolizou para o seu uso.

A illusão de que foi victima o Sr. Ruy Barbosa é uma illusão sagrada, zombe-se della embora, e todo homem que consagre ao pensamento o culto que este merece, tem que, reverente, se inclinar ante ella, adora-la, como um ideal superior para o qual a humanidade deve, sem desfallecimentos, caminhar. Ah! o dia em que a intelligencia puder dominar sobre tudo, em que a razão esclarecida, uma razão superior presidir a todos actos humanos, avasallando os sentimentos, domando as sensações, regulamentando a vontade, esse dia, puramente espirital, será o maior de quantos viram o sol lhe surgir no horizonte. Mas, nem para o proprio Sr. Ruy Barbosa, nem para os que admiram, nem para os que o combatem, a manhã chegará, essa em que a aurora só traga idéas na sua roupagem rosada a vibrar de tons claros na noite que se foi.

(Continuação.)

Do «Paiz» do Rio.

M. de Bihencourt.

Viajou para a capital cearense, o sr. dr. Francisco Parente, novel promotor publico da capital.

—Com destino ao Rio de Janeiro, onde residem, embarcou a 18 do corrente o dr. João da Cruz Araújo e sua exm. familia.

O NORTE

A MORTE DA ARVORE

No meio da floresta agonizava
Uma arvore. Tão velha e tão querida!
Talvez por ser tão velha e a preferida
Do raio que entra as nuvens a espreitava....

— Irmãs! eu vou morrer— assim fallava—
Sinto fugir-me pouco a pouco a vida,
Adeus! Adeus, oh! terra estremecida
Que eu, dia a dia, mais e mais amava.—

Profundo choro em torno então se ouviu
Tombou, a noite; e a arvore sem vida
Tombou, e a queda o echo repetiu....

Quando se fez a luz pelos espágos,
A arvore, sobre as outras estendida,
Como que repousava sobre braços.

Pedro Werneck.

— Seguiu para a Parnahyba dona Adelia Saraiya, carinhosa esposa do sr. José Sarava Ribeiro.

— Esteve entre nós o sr. coronel João da Silva Brito, residente nas proximidades de Natal.

— Terminou, domingo, o setenario a N. S. das Dores, com missa cantada e regular procissão a tarde.

— Domingo á noite e segunda feira á tarde desabaram nesta capital boas chuvas, sendo que a ultima foi tempestuosa e torrencial.

— De passagem para o Recife, esteve entre nós, vindo de Florianópolis, o academico de Direito Esmaragdoso de Freitas.

— Volveram do interior do Estado dona Mariquinha Martins Vianna e suas gentis filhas senhoritas Antonia e Pepita Martins Vianna e a graciosa Clarisse.

O Remorso

Estão os jardins sem rosas e sem estrellas os céus, por causa da senhora Noite.

Isso vendo, a minha amada encheita o pranto, amargura-se á moda de uma pessoa perseguida pelos remorsos.

Ah! Ah! quanto sou culpado e que punição não mereço!

Tu que amas, sabes por que razão estão os jardins sem rosas e sem estrellas os céus?

— Por causa do inverno e por causa da sombra noite.

— Não, não é por isso! uma fada má, inimiga de tudo quanto se expande e tudo que irradia, jurou que uma flor murcharia e que um astro se apagaria no azul á cada infidelidade que eu te fizesse, pobre homem! e é por isso que já estão os jardins sem rosas e sem estrellas os céus.

CATULLE MENDES.

As tres gallinhas

Era uma vez uma velha tinha tres gallinhas:— uma branca, outra amarella e outra preta.

De manhã, quando ellas se iam para mariscar, a branca ia na frente, a amarella em seguida e a preta por ultimo.

Não eram lá muito amigas uma das outras: a branca torcia ás vezes o nariz para a amarella e as duas não queriam saber da preta. Esta vivia sempre retirada, mariscando sózinha, enquanto as outras duas, embora não tivessem sympathias mutuas, andavam juntinhas, zombando e rindo da companheira. A

amarella tinha muito orgulho da amizade da branca e, como ás vezes recebia as honras da sua intimidade; era a primeira a fazer pouco caso da preta:

A pobrezinha andava abandonada. Não podia saltar um pio, cacarejar, um canto, que as duas não protestassem:

— Não incomode os outros. Você não pôde estar calada!

Aos domingos quando ellas se vestiam para passear no campo, a preta ia atraz, tristemente; de cabeça baixa como uma escrava, e as outras, para amesquinhal-a mais, atiravam-lhe areia no singelo vestido côr de noite. Arriscava-se ainda a abrir a bocca e estender as mãos implorando, mas as duas avançavam-lhe em cima e gritavam-lhe na cara:

— Bico caído! Nem um pio! Você não tem direito a cousa alguma!

E faziam-n'a de criada. A branca sentava-se á sombra de uma arvore e gritava.

— Gallinha preta, estou com sede, quero agua.

E a infeliz descia ao rio e trazia o copo cheio.

A amarella fazia o mesmo:

— Gallinha preta, quero agua.

A preta ainda tentava resistir, mas a branca arregalava-lhe os olhos em cima, ordenando:

— Você não está ouvindo a gallinha amarella pedir agua?

Quando foi um dia, a preta, estando a mariscar junto das ruínas de um palacio, bateu com o bico numa coisa metallica, que fez um som clarissimo de moeda. Ella saltou para traz e deu um grito.

As outras duas ouviram o grito e o som e correram para perto.

Era um thesouro que estava enterrado. Logo, entre as tres gallinhas houve uma injimidade súbita, como se ellas fossem camaradas de muito tempo.

Nem se lembravam mais que a preta era preta. A amarella correu a buscar a enxada em casa para se cavar o thesouro, e a branca, enquanto se esperava a enxada andou a passear com a mão na cintura da preta.

E, quando a amarella chegou, foi a branca mesmo quem quiz cavar á terra.

— Não ao incomode, gallinha preta. Eu até gosto muito d'este serviço.

Meia hora depois, o thesouro folgiu. Era ouro como que, ouro em barra, em moedas, em joias. Foi uma alegria. A preta gritou que iria levar toda a fortuna á velha sua dona. A gallinha branca chamou a amarella á parte:

— Vamos tomar todo o thesouro da preta. Ella vai levar tudo áquella velha e ficamos sem coisa alguma. Está dito?

— Está dito!

A branca chegou-se e falou alto:

— Gallinha preta, você nunca teve direito a coisa alguma, por isso o thesouro é nosso.

A pobrezinha sentiu uma palpitação no seio, ajoelhou-se, ergueu as mãos e implorou chorando.

— Não tem direito, repetiram as duas.

E avançaram-lhe em cima, deram-lhe bicadas, afugentando-a para longe. E ficaram senhoras do thesouro.

A branca amava o luxo e combinou com a amarella que se comprasse um palacio muito bonito, com torres e cupolas, de varandas

O NORTE

floridas e cortinados de ramos. Nunca mais voltariam á casa da velha dona d'ellas; tinham dinheiro e não iam se sujeitar a ter senhora.

Foi dito e feito. A tarde já tinham comprado o palacio.

A hora do pôr do sol estavam as duas na janella, muito orgulhosas nos seus roupões de seda cara, quando a gallinha preta passou, de cabeça baixa, abatida, em caminho do gallinheiro de sua dona.

A amarella por picardia, chamou-a:

—Se você quer dormir na cozinha fique; não se dê ao trabalho de ir para a casa d'aquella velha.

Ella agradeceu humildemente e seguiu o seu caminho.

A velha patrão das gallinhas tinha um cuidado d'ellas como se fossem suas filhas. No gallinheiro não havia fera que entrasse.

A guerra entre o reino das gallinhas e o reino das raposas já se havia declarado, desde o dia em que a rainha das gallinhas se casou com o gallo, depois de ter contraído casamento com o rei das raposas.

E nesse noite andava pela mata uma raposa faminta. Chegou-se ao terreiro da casa da velha foi até ao gallinheiro. A porta estava fechada a sete chaves.

—Qual, não ha quem coma as criações deste forte.

E nem procurou forçar a fechadura. Deu meia volta e foi seguindo o seu caminho.

Mais adiante viu luzes no meio do campo.

—Olé, gente nova por aqui!

Eram janellas, as varandas floridas do palacio das gallinhas, branca e amarella que estavam illuminadas.

A raposa estendeu o pescoço e farejou.

O vento que nesse momento sopra trouxe-lhe um cheiro inimigo.

—Bravos! temos comida na certa.

E seguiu. No palacio estava tudo em silencio; as gallinhas dormiam. A porta estava fechada. Era uma portazinha de ouro fino, muito elegante, muito bonita, mas muito fraca.

A raposa não teve trabalho em abri-la. Bastou um empurrão para que ella cedesse. E entrou pela escadaria acima.

Num salão, deitadas em cama de preço, lá estavam as duas gallinhas, dormindo.

—Olé, que pratinho gostoso e fino!

A gallinha branca fez um movimento de quem vai acordar, coçou

os olhos com a mão e tornou a embulhar-se nos lençóis de linho. A amarella nem se mexeu, dormia que era um gosto.

—Olé, como ellas dormem...

No outro dia, quando a gallinha preta veio mariscar, encontrou o rico palacio derrubado, o rastro da raposa e os ossos das companheiras no chão e uma porção de penas por aqui e por ali.

Olhou tudo e ainda teve uma ja-grima de tristeza a ensopear-lhes os olhos.

Do «Era uma vez...»

Aniversarios

Fizeram annos:

A 17.—o preparatorio Antonio Pio Falcao Costa, filho do dr. Odylo Costa;

A 21.—dona Cotinha Carvalho, virtuosa esposa do dr. Bonifacio Carvalho; as senhoritas Dalith Silveira, e Alice Couto, filha do sr. Horacio Couto; o sr. coronel Firmino Paz, e o academico Aurelio Britto;

A 22.—a adoravel Chiquinha Dias, sobrinha de dona Mercedes Dias;

A 23.—donas Sinhá Avellino, e Philomena Castro, esposa do coronel José de Castro;

A 24.—a senhorita Mercêdes, filha do sr. Pedro Bezerra; dona Sinháinha Soares, esposa do sr. capitão Luiz Soares.

A 25.—donas Bellina Lobo e Angelica Sampaio, e o sr. Sebastião Ribeiro da Costa, competente empregado da casa commercial do sr. José Cabral Arnaud;

A 26.—a gentil senhorita Didila Baptista;

Fazem annos:

Hoje,—os nossos presados amigos capitães Leonidas Nogueira; e Coriolano de Castro Lima.

A 28.—o nosso dedicado amigo coronel Emilio Bortoluzzi;

A 30.—dona Julia Furtado; a formosa senhorita Othilia Ferreira de Carvalho, encantadora filha da velha cidade de Oeiras; a pequena Esther, filha do sr. Deolindo Rocha; o academico Lutz e Silva e o sr. Alfredo Barros.

PELO ESTADO

Pedinde venia ao nosso collega da «Gazeta», passamos para estas columnas o telegramma que fez publico, e que abaixo se segue:

PICOS, 22.
Chegou hontem Capitão Gerson, tendo cercado a casa onde se achava o criminoso João Nanninha. Outros cangaceiros presenciaram o approximar-se a escolta e internaram-se num cannival, fazendo cer-

rada descarga contra a força, que reagiu, obrigando os desordeiros a abandonarem o esconderijo e evadirem-se. A população acha-se muito satisfeita com a chegada da mesma força, quando tinha a sua tranquillidade ameaçada.

(Telegr. da Gazeta.)
Graças á orientação que vem dando aos negocios do estado, o exm. sr. governador, já vamos sentindo os effectos, de uma salutar reacção, que se vinha impondo desde muito.

Por esse panno de amostra, será em breve uma realidade a extinção dos cangaceiros que enfastam as regiões do sul, outrora despressadas, apesar da grita que pela imprensa, e amiudadamente, era feita.

DESENHOS RAPIDOS

ELLA

Morena esvelta e sympathica. Raramente frequenta os bailes e ás festas religiosas. É a directora do lar, a irmã amiga de uma creatura *candida*, a tia carinhosa de uma adoravel menina e a companheira feliz de um irmão proto-martir...

Luis.

ELLER

Poeta em evidencia. O misterioso sudario de uma tristesa incomprehendida, unge-lhe as rimas com as virações crepusculares. Tem especial adoração pelas *Marias*, e desas *Marias* de olhos e cabellos pretos... É lento, um instituto á rua Grande; e sempre que pede, esquece as suas magias no delirio das festas.

Julio.

—A 15 ultimo, o conhecido e respeitavel velho Nicomedes Souza, decano dos carpinteiros thesesinenses, contou o seu octogesimo primeiro; anniversario de nascimento.

—Participou-nos o seu ajuste de casamento com a graciosa senhorita Julia Ferreira de Carvalho, o nosso distincto amigo capitão Eugenio de Oliveira Costa. Fazemos votos pela realisação dos seus desejos, e uma existencia toda bonança.

—A 10 do andante contrahiram casamento na cidade de Barras, a exm.ª senhorita Georzila Kortes e o sr. Domingos de Padua Rêgo.

Muitas felicidades ao jovem par.
—O sr. João Aurelio de Lavor e sua digna consorte, passaram a 17 deste pelo golpe cruel de verem morrer o seu pequeno Antonio, de 7. meses de nascido, pelo que mandamos as nossas condolencias.

Tiro Piauiense

As festas promovidas por esta util sociedade em comemoração a sua incorporação à Confederação do Tiro Brasileiro, tocaram a meia.

A sessão magna, que teve lugar no Paço do Conselho Municipal, e foi presidida pelo Tenente Benedito Passos, ladeado pelo exm. sr. dr. governador do Estado, Intendente Municipal, coronel Aarão Parentes, esteve extraordinariamente concorrida, notando-se a presença de todas as sumidades politicas e de todas as classes sociais.

Foi orador official o Tenente Paz Filho. Em seguida, o poeta sr. Jonathan Baptista, recitou um bello soneto de seu lavra, intitulado—Saudeação à Bandeira.

Finda a sessão, seguiu-se em direcção á sede do «Tiro», que estava caprichosamente ornamentada, onde se assistiu á inauguração do retrato do Tenente Paz Filho, por um grupo de socios do «Tiro» que lhe é dedicado, lhe offerecia.

Foi interprete de seus companheiros do «Tiro», a este acto de justiça, o poeta Zito Baptista.

O offertado Tenente Paz Filho, agradeceu. Foi distribuido aos presentes um profuso copo d'agua.

—O sr. dr. Pereira da Costa, illustre e muito acatado membro da Academia Pernambucana de Letras, autor de diversas obras, dentre as quaes a «Chronologia Historica do Estado do Piahy», onde estuda elle, a sua vida, desde os seus primeiros dias, até a proclamação da Republica, teve a gentileza de nos offerecer um volume «Noticia Biographica» do dr. Antonio de Moraes Silva, autor do primeiro dicionario da lingua Portuguesa. Isto posto, o dr. Pereira da Costa, prestou relevantes serviços ás letras patrias, divulgando pela imprensa, o grande valor do illustrado carioca, fornecendo assim ao Paiz a sua brilhante fe de officio, para exemplo dos nossos homens publicos.

Agradecidos.

—Teve lugar no dia 26 deste, como foi annunciada, na Caridade 2.ª a Conferencia do illustrado dr. Valdivino Tito, procurador da Republica, sobre o thema—A moral maçônica, cuja peça é um attestado vivo do seu talento. Neseo dia foi inaugurado em um dos salões do templo da Caridade 2.ª o salão de leitura «Jacob Gayoso», como lembrança, pelos importantes serviços prestados á referida instituição, de que elle era um destimido baluarte.

—Soubemos que por todo o mez vindouro, chegará a esta capital a convne do «Tiro Piahyense» o Inspector da 3.ª região militar, a fim de inaugurar a linha de Tiro. Prepara se brilhante recepção ao illustre hospede.

A festa do Liceo

Revestio-se de magna solemnidade, a festa que o corpo docente e docente do Liceo, proporcionou, hoje, pela manhã, á sociedade thesinesense.

Pelas 7½ partiu para o paço do Concelho Municipal, a companhia de alumnos daquelle estabelecimento de instrucção, onde estava estacionada, prestando continencia ás autoridades militares que iam tomar parte na sessão que se ia realizar.

Pouco depois das 8 horas, entra o sr. governador do estado, acompanhado de uma commissão que o fôra receber. Assumindo esta presidencia, o sr. dr. Miguel Rosa, director da instrucção, abre a sessão, e dá a palavra ao orador official, — dr. Hygino Cunha que leu monumental peça oratoria. Tratava-se da entrega da bandeira, que os lentes do Liceo, offereciam aos seus alumnos, a qual, logo após á conferencia, foi desfilada pelo secretario do directoria geral de instrucção — capitão Raimundo d'Oliveira Lopes Neves, tocando nessa occasião o himno nacional, seguindo-se o himno á bandeira, cantado pelas alumnas do collegio dirigido pela exm.ª sr.ª dona Rachel Paz, digna e virtuosa esposa do exm.ª sr. coronel Manoel Raimundo da Paz, honrado vice governador do estado.

Com a permissão do dr. governador, o dr. Miguel Rosa, mandou que fosse entregue o nosso emblema patio ao respectivo porta-bandeira — sr. Nito Pires, dedicado 2.º tenente daquelle companhia.

Em seguida o alumno João Matta de Oliveira Roma, fez, tambem, optimo discurso, depois do que, o dr. Miguel Rosa encerrou a sessão, incorporando-se a bandeira, sob himnos, á companhia, que estãve sob o commando do tenente Benedito Passos, uma das glorias do exercito brasileiro.

—Pessoalmente, veio trazer-nos as suas despedidas, de viagem para o Rio, conformes noticiamos em a nossa edição anterior, o nosso distincto confrade d'«O Commercio» — To'ô Rodrigues, digno contador dos Correios deste estado.

—O sr. coronel Pedro Thomaz de Oliveira, importante commerciante desta praça, de viagem para o sul do paiz, mandou-nos o seu cartão de despedidas.

—Effectuou-se, domingo ultimo, na vizinha cidade de Flores, o baile branco, que se prolongou até alta madrugada.

Os vastos salões da camara municipal, onde teve lugar a festa, estavam apinhados de mimdeas senhoritas, que com as suas presenças concorriam para o seu deslumbramento.

Os Drs. Francisco, Falcão e Corôia Lima e suas gentilissimas companheiras de commissão, foram incansaveis em cbequejar todas as pessoas presentes.

—O Sr. João Fernandes Netto, da parahyba, communicou-se, fizeza a que somos gratos, ter aberto naquelle cidade um escriptorio de commissões e consignações e compras de generos de exportação.

—De partida para o Rio, deixou-nos as suas despedidas em attencioso cartão, o sr capitão João Carlos Formel.

—Recebemos e agradecemos o 4.º, 5.º e 7.º fasciculos do *Arsenio Lupin*, e o 8.º e 9.º de *A Guerra Infernal*.

—Pelo ultimo vapor entrado do Parnahyba, recebemos um volume do Catalogo Geral Illustrado, da *A Brasileira*, grande casa de moda, de propriedade da forma Vascónellos Castro & C.ª do Rio.

Gratos.

—Passei, actualmente, em Gaxias, a exm.ª senhorita Zelia Ferreira.

—Seguiram para o Rio o sr. Joaquim Fonseca, sua exm.ª familia e a gentil senhorita Helena Fonseca.

—Fex-nos suas despedidas, o nosso prestimozo e bom amigo Dr. José Cornelio Leitão Rangel, digno e honrado juiz de Direito de Bom Jesus do Gurgueia. Feliz viagem.

—As mesmas despedidas, fez-nos o nosso amigo capitão Raimundo Eulalio Cunha Meirelles, que de Amarante, veio á esta capital, tratar da sua aposentadoria, do cargo de professor, que exerce com dignidade n'aquella cidade.

—Tomou passagem no Igarassá, que zarpuo deste porte a 18.º o sr. capitão Salustiano Bento Gonçalves, que se destinou á União, e onde pretende se demorar uns tres meses, em tratamento de seus saudeum pouco alterada. Agradecemos o cartão de despedidas, que se dignou enviar-nos.

Tribuna do Povo

TIRO BRASILEIRO PIAUIENSE

Vendo que alguns rapazes da nossa melhor sociedade têm, o com muita razão, deixado de frequentar os ultimos exercicios desta futura agromiação, por motivos, alias justificaveis, que não devem ser narrados aqui, vimos respectivamente pedir aos seus dignos directores e obsequio de, quando receberem propostas para admissão de socios, nomear uma commissão de tres ou quatro membros da assembleia geral afim de, depois de muitas audiencias, dar parecer sobre a mesma proposta, expondo, nessa occasião, a qualidade, comportamento e profissão do individuo proposto. Isto serve para não augmentar o numero dos q' indubitamente já lá existem, e ao mesmo tempo, para cessar o desgosto que se vai alastrando pela maioria dos seus distinctos soldados.

Therézina, 27 de Setembro de 1910.

10 Socios.